



Livros e Escritores



O aspecto mais curioso da psicologia de Venceslau de Morais, manifestado numa boa dezena de livros publicados, é o do quasi absoluto desenraizamento sofrido pelo escritor em referência. Percorram os leitores desta revista a literatura de viagens, desde Fernão Mendes Pinto até aos literatos contemporâneos; leiam quanto entre nós se tem escrito por banda de indivíduos que, tendo abandonado a terra mãe levados pela sede da aventura ou do dinheiro se fixaram em longínquas paragens e destas deixaram ficar copiosas descrições: lá encontrarão a cada passo manifestadas exuberantemente as características da alma lusiada, lá verão aflorar a cada momento a saudade pela obscura e, às vezes, pouco recomendável aldeia natal; a absoluta inadaptação do observador ao meio ambiente... Mas, caso singular! em Venceslau de Morais, — e desde o *Dai-Nippon* até este *Relance da alma japonesa* agora publicado, as características essenciais da alma lusiada sofreram um eclipse bastante pronunciado. a mais dum respeito quasi total. Por vezes Venceslau de Morais, tenta mesmo pensar em japônês, até quando tudo levaria a crer que assim não fôsse. Ler este escritor — cujo publico se pode considerar enorme — é falar com um indivíduo apaixonadamente japonês, integrado na vida, costumes, arte, historia e psicologia dos nipões; um indivíduo para quem a pátria do exílio voluntário será a definitiva porque nela encontrou, por um estranho fenómeno de desnacionalização, o *habitat* favorito do seu espirito. Um recanto, um ídolo, um aspecto da vida no país do Mikado tem o condão extraordinário de lhe fazer vibrar as cordas mais íntimas, como a nós nos fariam estremecer racialmente um aspecto da vida nacional, uma tradição religiosa da nossa terra, um recanto das nossas provincias... E o mais curioso de tudo é que, Venceslau de Morais, não procede assim em obediência a um japonismo ou chinesisismo que, iniciados talvez com os Goncourt já passaram de moda, depois de terem dado páginas curiosas áqueles e fornecido versos absolutamente latinos a Machado de Assis ou a António Feijó... Não: em Venceslau de Morais o caso é diferente; o autor em referência é sincero na predilecção pela terra que, definitivamente, elegeu por sua, em obediência a singulares tendências do seu espirito.

Mas, e aqui surge um outro aspecto curioso da idiosincrasia do escritor em questão e que, é a de quantos buscam fugir a uma lei eterna — a das características duma raça! —; se o autor do *Dai Nippon* é um desenraizado que se tornou amador de costumes e civilizações que não eram as da sua raça, nem porisso, apesar do seu empenho, logrou revestir totalmente a maneira de ser do povo aonde se fixou. Se é certo que Venceslau de Morais não pensa em português, nem tem vivas e frescas as características da sua pátria de nascimento; se não é menos certo que só os aspectos e sentimentos da terra nipónica o fazem vibrar e que, transportado à distante pátria lusitana ficaria apático, insensível, deslocado mesmo, não menos verdade é também que, até hoje, por mais que tenha feito não logrou dar-nos da pátria adoptiva mais do que aspectos superficiais, pequenas coisas, possivelmente toda a exterioridade nipónica, mas jamais a alma inteira, a transposição em prosa lusiada da terra do Mikado,

Postas em contacto as características originaes do escritor com as do povo especialissimo com o qual entrou em prolongado convívio, Venceslau de Morais (no qual, de resto disposições estranhas de espirito preparavam uma assimilação) não logrou desvencilhar-se por completo da raça, nem, portanto, adaptar-se psicologicamente à maneira de ser japonesa: esta, por vezes desaparece, mau grado as predilecções do escritor, para dar lugar a qualquer coisa que está bem longe daquela. Nunca um japonês seria capaz de sofrer dessa estranha doença que os historiadores de literatura chamaram o *mal do século* e que, em Venceslau de Morais, desde que se saiba ler e ver, é por demais palpável e manifesta. Há na sua obra um tom de tristeza e de pessimismo, de descrença e desconsólo que se não compadecem com a psicologia japonesa se nos reportarmos apenas áquella que o escritor em mais dum dos seus livros nos apresenta. É que, não obstante a sua predilecção pela terra eleita do seu espirito, apesar de, por sua vontade, viver há longos anos em terras japonesas e de só com coisas do Japão se preocupar, a assimilação não logrou ser total porque as raças eram tão dispare e inconciliáveis na sua estrutura que não houve absorção possível: quanto muito deu-se uma substituição que conseguiu ser profunda sem aspar da alma do escritor aquilo que lhe era essencial. Venceslau de Morais, sendo o mais desenraizado dos nossos escritores a dentro do seu exotismo, possivelmente mesmo aquele que menos características lusiadas apresenta, é, no fundo, um erótico-efectivo, qualidade que baldadamente procuraremos nos nipões se formos a acreditar o que, do Japão, escreveu um dos indivíduos que melhor o conheceram, Lafcadio Hearn, e se consideramos como eróto-afectividade o carácter romanesco dum espirito. Para os subditos do Mikado são desprezíveis certas características — próprias ou adquiridas —, do latino e, por

levar ao seu espirito.» E aqui encontramos a explicação do estranho modo de ser de Venceslau de Morais o qual, sendo o menos lusiada talvez dos nossos escritores de coisas exóticas, não logra — a-pesar do seu persistente amor pela vida japonesa — restituir esta. É que, repetimos, a sua alma não pode assimilar, mercê de circunstâncias essenciais, a do povo japonês; este só lhe fornecerá exterioridades, escapando-se a tudo o mais... É, de resto, a tragédia de quantos tentam fugir áquilo para que nasceram!...

E tudo quanto acima afirmamos patente ficará aos olhos dos que lerem este *Relance da alma japonesa*. Vê-se no escritor um homem totalmente absorvido por aquilo que descreve, é certo!... Mas, se a nós nos enfadamos os espécimes de literatura nipónica que temos percorrido com o espirito e o ouvido, porque razão nos agradamos livros de Venceslau de Morais se todos eles tratam de coisas, sentimentos, aspectos, e psicologias em absoluto distanciadas de nós? É que o escritor os deu como os viu e não como eles possam ser estruturalmente; se o autor do *Relance*, às vezes, procura pensar em japonês, o raciocínio sai-lhe inquinado, melhor diríamos aguarelado a muito esbatidas tintas lusiadas. A sua retina, o seu espirito, seduzidos pelas coisas que vêem e estudam, não conseguindo estudar e ver à japonesa também não logram fazê-lo inteiramente à maneira dum Fernão Mendes Pinto. Daí o curioso da sua literatura e deste *Relance*, amostras estranhas dum temperamento sincero e artista, cheio de finura, delicadamente colorista e suave que circunstâncias especiais impedem de absorver a vida descrita e não deixam seguir as tendências da raça...

*
* *

Estreia-se no género romance, com uma obra-sita intitulada *Fumo*, o sr. Carneiro Geraldês. Aqui há uns quatro ou cinco anos o romance em questão é possível que fizesse um barulho de muitos demónios, mercê de certas personagens apresentadas pelo autor e que todos nós conhecemos por a todo o momento toparmos com elas na vida política e artística dos últimos tempos. Os próprios nomes dessas personagens os dão logo a conhecer na maioria das vezes; noutras ocasiões os factos referidos são tão conhecidos que, a carapuça, como sóe dizer-se, vai logo a caminho da cabeça a que se destinava. Simplesmente, ao romance em questão falta-lhe uma ideia que o avivente, pelo menos uma ideia séria a qual, reunindo estreitamente o enredo, nos desse a razão de sarcasmos e repulsas que não vemos baseadas. No íntimo todas as personagens, — as que o autor quis apresentar como boas e aquelas que nos inculca em contrário — se equivalem. Silvano Baêta e Lúcio de Menezes, Maria Luisa e Ligia Foscati, Patrício Gonzaga e Emílio de Cardova são simples pretextos para uma acção que se dilui em estetismos frustrés, sendo de notar que a trama do romance em questão, no que toca às tolices estéticas do par amoroso, se aproxima bastante da utilizada pelo conhecido Silvano Baêta num seu romance, picantesamente célebre, e cuja personagem principal usa um titulo nobiliárquico formado com o apelido do mesmo Silvano... Vê-se no sr. Carneiro Geraldês uma indecisão bastante pronunciada pelo que respeita à atitude moral a tomar em



Venceslau de Morais

mais que se faça, nunca se conseguirá que eles mudem de parecer. «Cultive-se à moda europeia e com a mais tenaz das paciências o espirito dum japonês — escreve Lafcadio Hearn no seu *Out of the East* — o mais que se conseguirá é afastá-lo cada vez mais de nós porque, as suas predisposições mentais hereditárias se lhe revelarão com maior clareza sob a nova luz que se

definitivo: possivelmente o autor do *Fumo* não sabe que há-de fazer ao seu rial talento de escritor, e ainda o deslumbram certas burundangas que para aí surgiram com pretenções a brevíssimos de estética... E é pena porque, certas situações do romance foram dadas com felicidade: a descrição, muito rápida, é incisiva, embora as personagens sejam imperfeitamente caracterizadas por vezes; e certas figuras, como a de Emilio de Cardova, por exemplo, são curiosas... Mas, resumindo-se o interêsse do livro a certos casos reais da vida política portuguesa, à apresentação de conhecidas e discutidas figuras, e sem uma ideia que avivente a acção — aliás muito diluída — o romance oscila, aguenta-se como pode e acaba por se desfazer no nosso espírito como uma bôlha de sabão no extremo duma cânula de madeira... para apenas persistir a convicção de que o sr. Carneiro Geraldes possui dotes de escritor e facilidades de estilo bem pouco vulgares em quem se apresenta pela primeira vez no romance.

*
*
*

Tôrres Vedras, antiga e moderna é uma excelente monografia que à sua vila natal acaba de dedicar o sr. Júlio Vieira. Não sabemos regatear elogios a obras dêste género que bem desejariamos ver imitadas por quantos, tendo nascido e vivendo em formosíssimos lugares da terra portuguesa, a êles deveriam dedicar tôda a sua actividade mental cuidando de os tornar conhecidos sob todos os aspectos. O sr. Júlio Vieira, começando por, despreocupadamente e sem inúteis alardes de erudição, nos apresentar quanto se sabe a respeito da origem da sua vila, vai seguindo a sua história cuidadosamente, desde a sua conquista por D. Afonso Henriques até aos dias de hoje; estuda, apresenta e descreve os monumentos da sua Tôrres Vedras — alguns dêles de real valor histórico e artistico, — trata das especiais condições de vida da referida vila, dos seus recursos naturais, dos variados acontecimentos de vulto de que ela foi teatro, das suas lendas e tradições, de tudo enfim quanto com a histórica vila de Tôrres Vedras se possa relacionar, quer pelo que toca ao presente, quer pelo que diga respeito ao passado. É uma excelente monografia, repetimos, à qual não faltam um certo esmero editorial e um estilo fácil e cuidado que denotam no sr. Júlio Vieira um escritor destinado especialmente a trabalhos do género. Aqui lhe deixamos o nosso sincero parabem.

*
*
*

A sr.^a D. Emília de Sousa Costa reüniu em volume vários contos da sua autoria, dando a esse volume o titulo do primeiro. Valha a verdade dizer que os contos em questão se lêem com agrado. É um voluminho simples pelo estilo e pelo intento, êste *Ultimo Enforcado*: a autora não teve em mira forçar as portas da celebridade pelo meio fácil da estravagância literária e procurou contar com simplicidade casos simples. Por vezes o enredo prende e está tratado com um certo relêvo, interessando o leitor, até mesmo aquele que mais experiente esteja em coisas literárias. *Ultimo enforcado* é uma série de narrativas que poderão ajudar as almas simples a passar o tempo sem se danificar. E já não é pouco se atentarmos em que a desorientação literária feminina é qualquer coisa de risível nos tempos que vão correndo!

*
*
*

Foi com uma sensação de infinita e dolorosa melancolia que terminámos a atenta leitura da brochura que o sr. Cunha Leal acaba de publicar sob o titulo *A aspiração de um Portugal*

maior. Como fomos sempre bem intencionados e, infelizmente, chegámos aqúelle triste *mezzo del cammin di nostra vita* de que fala o sombrio florentino, a experiência, a dura e despoetizada experiência, tem-nos mostrado como isto de partidos e programas políticos é a coisa mais falaciosa de que há memória. Não confiamos em nenhum e a nossa attitude resume-se hoje



Júlio Vieira

em ver passar a teoria das inutilidades palavrosas com que se iludem os povos, visto como, nada esperamos... O espectáculo que hoje, como ontem, como sempre, a arena política oferece aos olhos de cada um não é de molde a seduzir ninguém. E não nos seduzindo a política, mais: não nos tendo captado nunca as boas graças, porque desejariamos intimamente que não houvesse outra coisa senão portugueses, não nos pode, é claro, enlevar esta ou aquela panaceia. Limitamo-nos portanto a constatar que, há mais uma, quando ela adrega de surgir no Coliseu impiedoso que é a vida portuguesa. Ora a brochura do sr. Cunha Leal, se critica aqui e ali, com uma certa agudeza, a situação criada pelo sr. general Gomes da Costa, nada nos diz de definitivo acêrca do que iria fazer o seu antagonista se porventura trespasse ao poleiro da governação pública. Provavelmente, e porque admitimos que o célebre e nervoso político beirão seja sincero, a sua acção iria despedaçar-se contra aquilo com que tem chocado todos os outros seus antecessores. *A aspiração de um Portugal maior* como realizá-la? Não no-lo diz concreta e irrefutavelmente o sr. Cunha Leal; sua afirmação mais grave está em opinar que o Exército só tem uma solução: a de se apoiar num partido já existente... Os interessados que respondam, pois que isso não é conosco e, para mais, apraz-nos em questões políticas um certo agnosticismo... A luz da lógica pura afigura-se-nos a solução proposta que se reduziria a um círculo vicioso, e é isso que nos causa uma extraordinária impressão de mal estar e desânimo ao ler obras destas... E, não sendo nós politico e tampouco interessando a nossa sensibilidade um chá mais cançado que o do Tolentino, que nos importa — e ao mundo também — que venha a êste mundo mais um partido?

Que haya un cadáver más ¿ qué importa al mundo?

...Para nos servirmos de velho e consabido verso de Espronceda!...

*
*
*

Os indianos ultimamente deram em pedir a independência com uma perrice e uma teimosia tais que se diria não deverem êles nada à civilização ocidental. A propaganda a tal respeito faz-se por tôda a parte e com qualquer pretexto:

um dos seus melhores veículos é a mocidade que as terras descobertas pelo nosso compatriota de Quinhentos exportaram para todos os liceus e universidades. Tal propaganda, emquanto se limita apenas a opôr a filosofia dos Vedas ao tomismo, *O carrinho de barro* ao *Hamlet* e ao *Fausto*, o brahmanismo ao catolicismo, e Rabindranath Tagore a Frederico Mistral, ainda se poderá admitir porque, enfim, cada qual come do que gosta, a gente sorri, e mal iria talvez a quem não pusesse, acima de tudo, o que é da sua terra!... Mas, o que nos não parece certo é que a mocidade da nossa Índia, — que a nós deve o ter categoria de gente! vá enfileirar ao lado dos que, nas Índias inglesas pedem em altos gritos a independência, a total libertação da tutela do Ocidente. Porisso lemos com desgosto a conferência que o sr. Fernando da Costa publicou sob o titulo *India antiga e moderna*. Os habitantes das nossas Velhas e Novas Conquistas estão a milhares de léguas de distância da situação dos individuos que habitam a Índia britânica. Não há neles pureza de raça porque, a bem dizer, quasi todos descendem dos primitivos habitantes e dos ousados navegadores e soldados que para lá foram nas eras de Quinhentos e Seiscentos... E, se aos laços de sangue juntarmos os da sua civilização — tão distanciada da indiana e reflectindo a da metrópole! — os seus costumes e até as suas crenças, tudo recebido de nós, teremos percebido a sem-razão e o contraseno do apoio que forneceu à propaganda separatista, pois que, a dar-se um dia a almejada separação, os nossos indianos, sendo um valor nulo para o concôrto total, seriam fatalmente objecto de desprêso e até de perseguição, por banda dos actuais subditos indianos de Jorge V...

Por isso nos desagradou profundamente a conferência do sr. Fernando Costa que, sôbre ser injusta e ingrata, é além disso duma ingenuidade que faria sorrir — se o assunto não fôsse antes de molde a fazer pensar um pouco quem com tão errônea propaganda tem o dever de se preocupar a sério...

*
*
*

Dois livros de versos sómente e durante duas semanas é caso de maravilhar, sobretudo neste país que, a respeito de poetas, imita a fecundidade das coelhas!.. Pois dois sómente, leitores: do sr. Júlio Valfior o livrinho *Aguarelas* e do sr. Alberto Falcão de Campos o seu *Ao Deus dará*. O primeiro dêstes poetas possui uma certa destreza no manejo dos ritmos, revelada em sonetos e líricas várias que se lêem com desenfado; alguns dos seus sonetos são mesmo muito rasoáveis, demais a mais tratando-se dum estreiante. Quanto ao sr. Falcão de Campos o seu livro é muito mais ingênuo na sua factura; os seus versos manifestam uma falta de inspiração e de técnica a todo o momento visíveis, salvando-se apenas algumas das quadras populares que lá aparecem e nas quais o autor reflectiu por vezes, embora imperfeitamente a alma do povo.

Da formosa Lourical do Campo envia-nos o sr. João P. Mineiro um *Abecedário musical*, ou noções elementares de música, que, em horas de lazer e com excelente intuito, elaborou para uso dos alunos do Reformatório de S. Fiel, na Beira Baixa. Falha-nos em absoluto o saber necessário para falar duma obra desta qualidade. Pelo que nos foi dado ler pareceu-nos porém suficientemente claro o livrito em questão, e quiçá, útil para quem deseje estudar os rudimentos da mais formosa das artes.

ALVARO MAIA.

NOTA DA REDACÇÃO. — Na próxima crónica retoma as suas funções de redactor efectivo desta secção o sr. César de Frias.